

**TIMOTHY KELLER**

AUTOR BEST-SELLER DO *THE NEW YORK TIMES*

---

**A  
CRUZ  
DO  
REI**



**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Keller, Timothy

A cruz do rei: a história do mundo na vida de Jesus / Timothy Keller; tradução Marisa K. A. de S. Lopes.

Título original: King's Cross: the Story of the World in the Life of Jesus  
ISBN 978-85-275-0751-6 (recurso eletrônico)

1. Bíblia N. T. Marcos - Crítica e interpretação 2. Jesus Cristo - Pessoa e missão - Ensino bíblico I. Título.

12-11543

CDD-232

**Índice para catálogo sistemático:**

1. Jesus Cristo : Pessoa e missão : Cristologia 232

**TIMOTHY KELLER**

AUTOR BEST-SELLER DO *THE NEW YORK TIMES*

---

**A  
CRUZ  
DO  
JERÔ**

  
VIDA NOVA

TRADUÇÃO: MARISA K. A. DE SIQUEIRA LOPES

Copyright ©2011, Redeemer CityNet e Timothy Keller

Título original: *King's Cross: the Story of the World in the Life of Jesus*

Traduzido a partir da primeira edição publicada pela

DUTTON, empresa pertencente ao PENGUIN GROUP, EUA.

1.<sup>a</sup> edição: 2012

Publicado no Brasil com a devida autorização e com todos os direitos reservados por  
SOCIEDADE RELIGIOSA EDIÇÕES VIDA NOVA, Caixa Postal 21266, São  
Paulo, SP, 04602-970

[www.vidanova.com.br](http://www.vidanova.com.br) | [vidanova@vidanova.com.br](mailto:vidanova@vidanova.com.br)

Proibida a reprodução por quaisquer meios (mecânicos, eletrônicos, xerográficos, fotográficos, gravação, estocagem em banco de dados etc.), a não ser em citações breves com indicação de fonte.

ISBN 978-85-275-0751-6 (recurso eletrônico)

---

## SUPERVISÃO EDITORIAL

Marisa K. A. de Siqueira Lopes

## COORDENAÇÃO EDITORIAL

Curtis A. Kregness

## REVISÃO

Mariú Madureira Lopes

## COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO

Sérgio Siqueira Moura

## REVISÃO DE PROVAS

Ubevaldo G. Sampaio

# DIAGRAMAÇÃO

Luciana Di Iorio

## CAPA

Souto de Crescimento de Marca

---

Todas as citações bíblicas, salvo indicação contrária, foram extraídas da versão Almeida Século 21, publicada com todos os direitos reservados por Edições Vida Nova.

A Scott Kauffmann e Sam Shammas, sem os quais este livro não existiria. E também ao restante do staff da Igreja Presbiteriana Redeemer e ao Redeemer City to City — o time dos meus sonhos! —, sem os quais pouco do nosso atual ministério existiria.

Muito obrigado a todos.

# SUMÁRIO

*Agradecimentos*

*Introdução*

## PARTE 1 O REI

*A identidade de Jesus*

Capítulo 1 ... A dança

Capítulo 2 ... O chamado

Capítulo 3 ... A cura

Capítulo 4 ... O descanso

Capítulo 5 ... O poder

Capítulo 6 ... A espera

Capítulo 7 ... A mancha

Capítulo 8 ... A aproximação

Capítulo 9 ... A volta

## PARTE 2 A CRUZ

*O propósito de Jesus*

Capítulo 10 ... A montanha

Capítulo 11 ... A armadilha

Capítulo 12 ... O resgate

Capítulo 13 ... O templo

Capítulo 14 ... A festa

Capítulo 15 ... O cálice

Capítulo 16 ... A espada

Capítulo 17 ... O fim

Capítulo 18 ... O começo

*Conclusão*



## AGRADECIMENTOS

NENHUM LIVRO CHEGA às mãos dos leitores sem o trabalho de muitas pessoas além do autor, algo que aconteceu, sobretudo, com este livro. Quero agradecer a Brian Tart, meu editor, por seu trabalho sempre brilhante de sugerir acréscimos e cortes no texto. Esta obra também tem uma grande dívida para com meu agente, David Mc- Cormick que, além de lidar com maestria com seus deveres de agente, também foi o arquiteto do acordo para a criação do selo Redeemer. Este livro é o primeiro fruto desse acordo.

De maneira particular, gostaria de agradecer a Scott Kauffmann e Sam Shammas, pessoas que tomaram a frente dos esforços para o desenvolvimento de conteúdo do selo Redeemer. Descobrimos que transformar material de pregações em algo para ser lido não é assim tão fácil quanto parece — ou, pelo menos, não tão fácil quanto imaginávamos.

O livro de Marcos talvez seja o Evangelho que mais estudei e preguei ao longo do meu ministério. Elaborei duas séries de estudos bíblicos para pequenos grupos sobre o Evangelho de Marcos, e também já preguei pelo menos três séries de mensagens sobre Marcos, além de muitos sermões avulsos.

Assim, quando me sugeriram transcrever e publicar os sermões mais recentes que eu havia feito em Marcos, estava seguro de que o material precisaria de uns meros ajustes para

estar pronto para publicação. Não poderia estar mais enganado!

O processo de transformação começou com Laurie Collins, uma velha amiga estenógrafa de tribunal, que fez uma transcrição fiel dos meus sermões gravados, tendo completado cada fragmento de oração que, em geral, deixamos pela metade no discurso oral. Depois o trabalho passou para as mãos de uma nova amiga, Ruth Goring, que se dedicou a limpar do texto todos aqueles traços de oralidade que mal notamos quando alguém faz um sermão, mas que são profundamente irritantes se presentes na leitura de um texto. O resultado de todo esse processo foi um texto mais limpo, porém sem vida, quando eu deveria ter um texto vibrante, repleto da mesma intensidade que Marcos infundiu em seu relato da vida de Jesus.

E foi somente no último minuto, quando Scott e Sam puseram as mãos na massa, pegaram o texto e trabalharam nele noite e dia sem cessar (sob a pressão de um prazo final apertado), que o texto veio a assumir a vivacidade que hoje possuí. Um simples “muito obrigado” não é suficiente para agradecer os sacrifícios que todas essas pessoas fizeram e a ajuda que me deram; portanto, dedico esta obra a elas, e espero contar com sua parceria em muitos outros projetos no futuro.

# INTRODUÇÃO

PARA MINHA SURPRESA, nas décadas recentes a quantidade de atenção que a cultura em geral dispensa ao Jesus histórico tem aumentado. A cada ano, à medida que a Páscoa se aproxima, surgem diversos destaques de mídia acerca de Jesus. Nesta última Páscoa, a editora da seção de religião da *Newsweek*, Lisa Miller, explicou que “a Páscoa é [...] uma celebração do ato final da Paixão, no qual Jesus ressuscitou de seu sepulcro, em corpo, três dias após ser executado. [...] Os Evangelhos insistem na veracidade desse acontecimento sobrenatural. [...] Jesus morreu e ressuscitou para que todos os seus seguidores pudessem, no futuro, fazer o mesmo. Essa história tem forçado a credulidade até mesmo do mais devotado dos fiéis. Pois, sinceramente falando, ela não é crível”.<sup>1</sup>

Em seu artigo para o jornal *The Times* (publicado no Reino Unido), “Myth or History: The Hard Facts of the Resurrection” [Mito ou história: os difíceis fatos da ressurreição], Geza Vermes propõe a seguinte questão: “No coração da mensagem do cristianismo, encontre-se a ressurreição de Jesus. O principal arauto dessa mensagem, São Paulo, proclama de forma bem direta: ‘se Cristo não ressuscitou, a vossa fé é inútil’. De que modo essa afirmação, reforçada por dois mil anos de reflexão teológica, se compara com aquilo que os Evangelhos nos dizem sobre a primeira Páscoa? Trata-se de um mito ou contém um



fundo de verdade?”<sup>2</sup>

Nanci Hellmich, escrevendo para o *USA Today*, disse que “Dois pesquisadores analisaram os tamanhos dos pratos e das porções de comida em 52 das mais famosas pinturas da *Última Ceia* e descobriram que o tamanho das porções nas pinturas aumentou de forma dramática ao longo do último milênio.”<sup>3</sup> A imprensa tem muito a dizer sobre Jesus.

E, evidentemente, eles não são os únicos. Não seria um exagero dizer que o tema Jesus é em si mesmo um gênero que aparece em obras como biografias resultantes de cuidadosas pesquisas, comentários acadêmicos do texto bíblico, obras de crítica histórica, de ficção especulativa, antimitologias, e tudo que se possa imaginar entre uma ponta e outra desse amplo espectro.

Nessa corrente aparentemente inesgotável de palavras e pensamento acerca de Jesus, eu cautelosamente insiro este livro. Trata-se de uma extensa meditação sobre a histórica premissa cristã de que a vida, morte e ressurreição de Jesus constituem o evento central da história humana e cósmica, assim como o princípio organizador central da vida de todos nós. Dito de outra forma, toda a história do mundo — e o modo como nós nos encaixamos nela — é mais claramente compreendida quando analisamos de forma direta e atenta a história de Jesus. Meu propósito aqui é tentar mostrar, por meio das palavras e atos de Jesus, a forma maravilhosa como a vida dele dá sentido à nossa vida.

## UMA VERDADEIRA HISTÓRIA DE VIDA

Se pretendemos investigar sua vida, a fim de esclarecermos se Jesus realmente viveu, morreu e ressuscitou, para saber se a



história da Páscoa contém mesmo um “fundo de verdade” ou, quem sabe, contém a chave para a história, precisamos nos voltar para os Evangelhos, os documentos históricos que contam a história de Jesus. Eles foram intitulados de acordo com os nomes de seus autores: Mateus, Marcos, Lucas e João.

Grande parte desse recente gênero sobre Jesus consiste de discussões acerca de os Evangelhos serem ou não registros confiáveis da vida de Jesus. Há duzentos anos alguns estudiosos começaram a dizer que os Evangelhos eram tradições orais que foram embelezadas com vários elementos lendários ao longo de gerações, e não foram escritos senão mais de cem anos após os fatos da vida de Jesus.<sup>4</sup> Ao longo dos anos, essas alegações têm convencido muita gente de que não podemos saber quem Jesus realmente foi. Friedrich Nietzsche, filósofo alemão, e George Eliot, escritor inglês, perderam a fé cristã, em grande parte devido à leitura da cética obra *Life of Jesus Critically Examined* [A vida de Jesus examinada de forma crítica], escrita por David Strauss, e a cada ano milhares de estudantes veem suas convicções balançadas do mesmo modo pela típica matéria de faculdade, “a Bíblia como literatura”.

Contudo, há um movimento contrário a tudo isso. Há 150 anos as pessoas afirmavam com a maior confiança que jamais houve Evangelho algum antes da terceira década do segundo século d.C. No entanto, ao longo do século passado, tornou-se irrefutável a evidência de que os Evangelhos foram escritos muito antes disso, ou seja, durante o período em que viveram muitas das testemunhas oculares da vida e morte de Jesus.<sup>5</sup> Isso levou a “inversões de fé”, como nos casos bastante conhecidos de Anne Rice e A. N. Wilson. Este último, um biógrafo, escreveu *Jesus: A Life* [Jesus: uma vida], em 1992, obra que tinha como

pressuposto a tese de que os Evangelhos eram quase que inteiramente lendas. No entanto, em 2009 ele revelou como havia voltado para a fé cristã após anos de ateísmo, em que escrevia livros que atacavam o cristianismo.<sup>6</sup> Anne Rice, uma escritora de romances, havia perdido a fé nos tempos de faculdade, mas quando começou a ler as obras de renomados estudiosos da Bíblia, ela veio a descobrir que:

Toda a tese em prol de um Jesus não divino que foi parar em Jerusalém e de algum modo acabou crucificado por ninguém, esse Jesus que nada teve a ver com a fundação do cristianismo e que ficaria horrorizado com ele se o conhecesse — todo esse panorama que era veiculado nos círculos liberais que eu como ateia frequentei por trinta anos —, essa tese não vingou.<sup>7</sup>

Richard Bauckham, em sua obra *Jesus and the Eyewitnesses* [Jesus e as testemunhas oculares], apresenta o argumento mais conclusivo de que os Evangelhos não eram tradições orais que se desenvolveram ao longo do tempo, mas sim *histórias* orais que foram escritas a partir dos relatos das próprias testemunhas oculares, as quais ainda estavam vivas e atuantes na comunidade.

Ele cita extensas evidências de que por décadas após a morte e ressurreição de Jesus as pessoas que foram curadas por ele falavam de suas experiências, como o homem paralítico que foi baixado até Jesus através do teto de uma casa; a pessoa que carregou a cruz para Jesus, Simão de Cirene; as mulheres que assistiram Jesus ser colocado na tumba, como Maria Madalena; e os discípulos que haviam andado com Jesus por três anos, como Pedro e João — enfim, todas essas pessoas que participaram da



vida de Jesus repetiam constante e publicamente esses episódios com riqueza de detalhes. Por décadas, essas testemunhas oculares contaram as histórias do que havia acontecido com elas. Mateus, Marcos, Lucas e João registraram essas histórias por escrito e, então, temos os Evangelhos.

Bauckham também observa que os Evangelhos são por demais contraproducentes em termos de conteúdo para serem lendas. Por exemplo, é espantoso o fato de que, nos próprios documentos que deram origem à igreja cristã, tivéssemos um registro de que um dos grandes líderes da igreja, Pedro, tivesse cometido uma falha enorme, chegando mesmo a negar Jesus em público. A única fonte crível para o relato da negação de Pedro e traição de Jesus seria o próprio Pedro: ninguém mais poderia ter conhecimento dos detalhes que nos são fornecidos. E ninguém na igreja primitiva teria a ousadia de chamar a atenção para a fraqueza de um de seus líderes mais importantes e respeitados com tamanha franqueza — a menos que essa fraqueza em si fosse uma parte importante da história. E a menos, é lógico, que o relato fosse verdadeiro.

## O EVANGELHO DE MARCOS

Para o propósito deste livro, senti que a melhor maneira de explorar a vida de Jesus não era fazer um panorama de todos os Evangelhos, mas sim analisar uma única e coerente narrativa: uma narrativa que se concentrasse intencionalmente nas verdadeiras palavras e atos (especialmente nos atos) de Jesus. E isso me levou ao Evangelho de Marcos.

Quem foi Marcos? A fonte de resposta mais antiga e importante vem de Papias, bispo de Hierápolis até o ano de 130

d.C., que disse que Marcos havia atuado como secretário e tradutor de Pedro, um dos primeiros entre os doze discípulos ou seguidores de Jesus, e que “escreveu acuradamente tudo quanto ele [Pedro] se lembrou”. Esse testemunho é de singular importância, uma vez que há evidência de que Papias (que viveu de 60 a 135 d.C.) conheceu pessoalmente João, outro dos primeiros e mais próximos discípulos de Jesus.<sup>8</sup> A obra de Bauckham demonstra que, de fato, Marcos menciona Pedro proporcionalmente mais do que qualquer dos outros Evangelhos. Se você folhear o livro de Marcos, verá que nada acontece sem que Pedro esteja presente. Todo o Evangelho de Marcos, portanto, é quase que certamente o testemunho ocular de Pedro.

Há outra razão para basearmos nossa investigação da vida de Jesus no Evangelho de Marcos. A leitura de Marcos não dá a impressão de ser uma história árida. A narrativa é escrita no presente, e usa com frequência palavras como “imediatamente” para encher o relato de ação. É impossível deixar de notar a velocidade abrupta da narrativa que chega a nos deixar sem fôlego. Portanto, o Evangelho de Marcos transmite algo importante sobre Jesus. Ele não é apenas uma figura histórica, mas uma realidade viva, uma pessoa que fala conosco, *nos dias de hoje*. Já na primeira sentença de seu Evangelho, Marcos nos conta que Deus entrou no curso da história. Seu estilo comunica um sentido de crise, de que o *status quo* foi rompido. Não podemos mais pensar na história como um sistema fechado de causas naturais. Não podemos mais pensar em nenhum sistema, tradição ou autoridade humanos como inevitáveis ou absolutos. Jesus veio; tudo pode acontecer agora. Marcos quer que vejamos que a vinda de Jesus pede uma ação decisiva. Jesus é visto como um homem de ação, que se move de acontecimento para



acontecimento de forma rápida e decisiva. No Evangelho de Marcos há relativamente pouco do *ensino* de Jesus — nele vemos, principalmente, Jesus em *ação*. Portanto, não podemos continuar em cima do muro; temos que responder de forma ativa.

## O REI E A CRUZ

Pode ser que você conheça King's Cross [a cruz do rei] como uma estação de trem de Londres, Inglaterra, que foi imortalizada nos livros de Harry Potter. No entanto, o nome engloba com tamanha perfeição o sentido da vida de Jesus que não pude resistir a tomá-lo emprestado para o título deste livro.

Veja só, o Evangelho de Marcos possui mais uma característica que o torna ideal para nossos propósitos aqui. O relato de Marcos acerca da vida de Jesus nos é apresentado em dois atos simétricos: a *identidade* de Jesus como Rei sobre todas as coisas (nos capítulos 1 a 8 de Marcos) e seu *propósito* em morrer na cruz (nos capítulos 9 a 16 de Marcos).

A estrutura deste livro segue seu título: ele tem duas partes (“o Rei” e “a cruz”), cada qual composta de vários capítulos, sendo que cada capítulo explora uma parte essencial dessa história contada no Evangelho de Marcos.

Todos os livros são seletivos quanto àquilo que incluem, inclusive os próprios Evangelhos; João termina seu Evangelho com as palavras “Jesus realizou ainda muitas outras coisas; se elas fossem escritas uma por uma, creio que nem no mundo inteiro caberiam os livros que seriam escritos” (Jo 21.25). Eu optei por concentrar o foco em uma certa quantidade de textos específicos em Marcos, os quais eu acredito que traçam melhor a narrativa da vida de Jesus, ou por ampliar o foco em temas

acerca de sua identidade e propósito. Isso significa que um punhado de passagens bastante conhecidas não são tratadas em detalhes neste livro. Confio que você achará a pessoa de Jesus digna de sua atenção: imprevisível, embora confiável; gentil, embora poderosa; dotada de autoridade, embora humilde; humana, mas também divina. Insisto para que você pondere seriamente sobre o significado da vida de Jesus em sua própria vida.

## NOSSA VERDADEIRA HISTÓRIA DE VIDA

Embora eu tenha crescido em uma igreja cristã, foi somente na faculdade que encontrei a fé vital em Jesus, que transformou minha vida. Um dos veículos para esse despertar espiritual foi a Bíblia, especialmente os relatos do Novo Testamento. Eu havia estudado a Bíblia antes disso. Quando frequentei as aulas de preparação para minha profissão de fé na igreja, tive que memorizar as Escrituras. No entanto, durante meus tempos de faculdade, a Bíblia ganhou vida de um modo que é difícil de descrever. A melhor maneira de dizer isso é que, antes dessa mudança, eu estudava a Bíblia com toda atenção, questionando-a e analisando-a. Mas depois dessa mudança era como se a Bíblia, ou talvez Alguém por meio da Bíblia, começasse a me estudar, me questionar e analisar.

Pouco tempo depois dessa transformação, eu me deparei com uma reportagem de revista intitulada “O livro que me entende”, escrita por Emile Cailliet, professor de filosofia do Seminário Teológico de Princeton.<sup>9</sup> No seu tempo de faculdade, ainda na França, ele tinha sido agnóstico. Ele terminou a universidade sem nunca ter de fato visto uma Bíblia. Então, ele



serviu no exército durante a Primeira Guerra Mundial. Sobre isso, ele escreveu: “A inadequação de minhas perspectivas a respeito da condição humana me oprimiam por completo. De que adiantam [...] as provocações filosóficas da academia, quando seu companheiro — que naquele momento falava para você da mãe dele — morre bem ali, na sua frente, com uma bala no peito?”

Então, ele também foi atingido por uma bala, e começou a se recuperar durante um longo período de internação em um hospital. Ao ler literatura e filosofia, ele começou a ter um curioso anseio — “devo confessar isso, por mais estranho que possa parecer — eu ansiava por encontrar um livro que me entendesse.” E uma vez que ele não conhecia nenhum livro desse tipo, decidiu montar um livro assim para si mesmo. Ele lia muito e sempre que se deparava com um trecho que o afetasse de forma especial, que “falasse à minha condição”, ele o copiava em um caderno de bolso com capa de couro. Ele esperava que “aquilo fosse me transportar do medo e da angústia, através de diversos estágios intermediários, para expressões supremas de libertação e júbilo”.

Um belo dia, ele foi sentar-se debaixo de uma árvore, no jardim de sua casa, para ler sua preciosa antologia. À medida que ele lia, um crescente desapontamento se abateu sobre ele. Cada citação fazia com que ele se lembrasse das circunstâncias em que ele a escolhera, mas as coisas haviam mudado. “Percebi, então, que todo meu esforço não teria êxito, pelo simples fato de que aquilo era obra de minhas mãos”.

Praticamente no mesmo instante surge sua esposa, voltando de um passeio com o filho deles no carrinho de bebê. Ela trazia consigo uma Bíblia em francês que ela havia ganhado de um

pastor que tinha encontrado durante o passeio. Cailliet pegou a Bíblia e a abriu nos Evangelhos. E continuou a lê-la noite adentro. Aos poucos ele começou a ter uma percepção: “Eis que à medida que eu lia [os Evangelhos] Aquele que neles falava e agia ganhou vida aos meus olhos [...] Aquele era o livro que me entenderia.”<sup>10</sup>

Ao ler aquela reportagem, percebi que o mesmo havia acontecido comigo. Embora quando jovem eu cresse que a Bíblia era a Palavra do Senhor, eu ainda não havia tido um encontro pessoal com o Senhor da Palavra. À medida que eu lia os Evangelhos, ele se tornou real para mim. Trinta anos mais tarde fiz uma série de pregações para a minha igreja, baseadas no livro de Marcos, na esperança de que muitos outros pudessem da mesma forma encontrar Jesus nos relatos dos Evangelhos.

Este livro se inspirou nessas pregações, e eu o ofereço aos leitores com esse mesmo desejo e esperança.

<sup>1</sup>Lisa MILLER, *Newsweek*, 25/10/2010.

<sup>2</sup>Geza VERMES, “Myth or History: The Hard Facts of the Resurrection,” *Times of London*, 06/04/2009.

<sup>3</sup>Nanci HELMICH, *USA Today*, 23/03/2010.

<sup>4</sup>Dois bons estudos panorâmicos sobre como esse ceticismo acerca dos Evangelhos se desenvolveu podem ser encontrados em Ben Witherington, *The Jesus quest: the third search for the Jew of Nazareth*, 2ª edição. Downers Grove: IVP, 1997. Também em N. T. Wright, *Who was Jesus*. Londres: SPCK, 1992.

<sup>5</sup>Para estudos de nível mais popular, veja C. Blomberg, *The historical reliability of the Gospels*. Downers Grove: IVP, 1987. Craig A. Evans, *Fabricating Jesus: how modern scholars distort the Gospels*. Downers Grove: IVP, 2008. Veja também a obra mais antiga e popular de F. F. Bruce, *The New Testament documents: are they reliable?* Eerdmans: reeditado em 2003 com um prefácio escrito por N. T. Wright. Para análise das bases filosóficas de muitos desses estudos bíblicos céticos, veja C. Stephen Evans, *The historical Christ and the Jesus of faith*. Oxford University Press: 1996. Veja ainda Alvin Plantinga, “Two (or more) kinds of Scripture Scholarship”. In: *Warranted Christian Belief*. Oxford, 2002.



<sup>6</sup>A. N. WILSON, “Why I believe again”, *The New Statesman*, 02/04/2009. Diferentemente de Rice, o retorno de Wilson à fé não veio tanto de uma análise dos estudos bíblicos, mas das fraquezas que ele viu nas objeções filosóficas ao cristianismo. Contudo, a publicação *The New Statesman* acompanha seu artigo sobre seu retorno à fé com uma caricatura irônica de Wilson carregando seu cético livro sobre Jesus, lançado em 1992, só que agora olhando para cima, para o céu.

<sup>7</sup>Anne RICE, *Christ the Lord: out of Egypt*. Nova York: Ballantine, 2005, p. 332. Embora a relação de Rice com a igreja e o cristianismo institucionalizado continue complicada, ela voltou a crer que a Bíblia nos dá um retrato fiel de Jesus.

<sup>8</sup>Veja D. A. CARSON e Douglas J. MOO, *An introduction to the New Testament*. Grand Rapids: Zondervan, 2005, p. 173.

<sup>9</sup>Emile CAILLIET, “The book that understands me”. In: Frank E. GAEBELEIN, ed, *A Christianity Today reader*. Tappan: Fleming Revell, 1968, p. 22.

<sup>10</sup>Ibid., p. 31.

**PARTE 1**

# **0 REI**

---

***A IDENTIDADE DE JESUS***


## capítulo um

---

# A DANÇA



*Princípio do evangelho de Jesus Cristo, o Filho de Deus. Conforme está escrito no profeta Isaías: Estou enviando à tua frente meu mensageiro, que preparará teu caminho; voz do que clama no deserto: Preparai o caminho do Senhor, endireitai suas veredas. Assim apareceu João Batista no deserto, pregando batismo de arrependimento para perdão dos pecados (Mc 1.1-4).*



MARCOS NÃO PERDE tempo em revelar a identidade daquele que é o tema de seu livro. De forma abrupta e direta, ele afirma que Jesus é o “Cristo” e o “Filho de Deus”. *Christos* é um termo grego que significa uma “figura real ungida”. Era outro modo de se referir ao “Messias”, aquele que iria vir e aplicar o governo de Deus na terra, salvando Israel de todos os seus opressores e problemas. Ele não seria apenas mais *um* rei, mas sim o Rei.

No entanto, Marcos não chama Jesus apenas de “Cristo”; ele

vai mais além. “Filho de Deus” é um termo incrivelmente ousado que vai além da compreensão popular acerca do Messias naquele tempo. É uma afirmação de total divindade. Marcos, então, aumenta as apostas e faz a suprema declaração. Citando a passagem profética de Isaías, Marcos assegura que João Batista é o cumprimento da profecia da “voz” do que clama no deserto. Uma vez que Marcos correlaciona João Batista com aquele que virá “prepara[r] o caminho do Senhor”, por uma clara inferência ele está correlacionando Jesus com o próprio Senhor, o Deus Todo-Poderoso. O Senhor Deus; o tão esperado Rei divino que viria salvar seu povo e Jesus — de algum modo eram a mesma pessoa.

Ao fazer essa audaciosa afirmação, Marcos insere Jesus o mais profundamente possível na antiga e histórica religião de Israel. O cristianismo, segundo ele sugere, não é algo completamente novo. Jesus é o cumprimento dos anseios e visões de todos os profetas da Bíblia; ele é aquele que virá governar e restaurar todo o universo.

## A DANÇA DA REALIDADE

Tendo anunciado Jesus dessa maneira, Marcos o apresenta em uma cena impressionante que nos fala mais sobre a sua identidade:



*Naqueles dias, veio Jesus de Nazaré da Galileia e foi batizado por João no Jordão. E logo que saiu da água, Jesus viu os céus se abrirem, e o Espírito descendo como pomba sobre ele. E uma voz disse dos céus: Tu és o meu Filho amado; em ti me agrado (Mc 1.9-11).*





Para nós, o fato de o Espírito de Deus ser retratado como uma pomba não é particularmente estranho, mas na época em que Marcos escreveu era algo muito raro. Nos escritos sagrados do judaísmo, existe apenas uma passagem em que o Espírito de Deus é comparado a uma pomba: nos targums, a versão aramaica da Escritura hebraica que os judeus do tempo de Marcos liam. No relato da criação, o livro de Gênesis 1.2 diz que o Espírito de Deus *pairava* sobre a face das águas. O verbo hebraico aqui significa “bater as asas”: o Espírito sobrevoava a face das águas. A fim de captar essa vívida imagem, os rabinos traduziram essa passagem para os targums do seguinte modo: “A terra era sem forma e vazia, e havia trevas sobre a face do abismo, e o Espírito de Deus pairava sobre a face das águas *como uma pomba*. Disse Deus: Haja luz.” Há três participantes em atividade na criação do mundo: Deus, o Espírito de Deus e a Palavra de Deus, por meio da qual ele cria. Esses mesmos três participantes estão presentes no batismo de Jesus: o Pai, que é a voz; o Filho, que é a Palavra; e o Espírito descendo como uma pomba. Marcos está deliberadamente nos levando de volta à criação, ao próprio começo da história. Assim como a criação original do mundo fora um projeto do Deus triúno, segundo Marcos, a salvação e restauração de todas as coisas, que estava começando naquele momento com a chegada do Rei, também era um projeto do Deus triúno.

Era isso que Marcos pretendia ao retratar o batismo de Jesus dessa forma. Mas por que motivo é importante que a criação e a redenção sejam ambas produtos da Trindade, de um Deus em três pessoas?

A doutrina cristã da Trindade é misteriosa e cognitivamente desafiante. Ela afirma que Deus é um só e existe eternamente em três pessoas. Nada tem a ver com o triteísmo, com três deuses que agem em harmonia; nem com o unipersonalismo, ou seja, a noção de que Deus ora assume uma forma ora assume outra, mas tais formas são simplesmente diferentes manifestações de um único Deus. Antes, o trinitarismo sustenta que existe um só Deus em três pessoas que conhecem e amam umas às outras. Deus não é mais fundamentalmente uma do que três pessoas, assim como não é mais fundamentalmente três pessoas do que uma.

Quando Jesus saiu da água, o Pai o envolveu e o cobriu com palavras de amor: “Tu és o meu Filho amado; em ti me agrado”. Nesse mesmo instante, o Espírito o revestiu de poder. Isso é o que vem acontecendo no interior da Trindade por toda a eternidade. Marcos está nos dando uma visão do próprio âmago da realidade, do sentido da vida, da essência do universo. Segundo a Bíblia, O Pai, o Filho e o Espírito Santo glorificam um ao outro. Jesus diz na oração registrada no Evangelho de João: “Eu te glorifiquei na terra, completando a obra da qual me encarregaste. Agora, pois, glorifica-me, ó Pai, junto de ti mesmo, com a glória que eu tinha contigo antes que o mundo existisse” (Jo 17.4,5). Cada pessoa da Trindade glorifica as outras.

Nas palavras do meu autor favorito, C. S. Lewis: “No cristianismo Deus não é algo estático [...], mas sim dinâmico, uma atividade pulsante, uma vida, quase que uma espécie de drama. Quase que, se você não me achar irreverente, uma espécie de dança”.<sup>1</sup> O teólogo Cornelius Plantinga leva essa ideia mais adiante, observando que a Bíblia diz que o Pai, o Filho e o Espírito glorificam um ao outro: “As pessoas dentro de Deus



exaltam umas às outras, têm comunhão umas com as outras, submetem-se umas às outras [...] Cada pessoa divina abriga as outras no centro do seu ser. Num constante movimento de abertura e aceitação, cada pessoa envolve e cinge as demais. [...] A vida interior de Deus [portanto] transborda em consideração pelos outros”.<sup>2</sup>

Você glorifica algo quando o considera belo por aquilo que ele é em si mesmo. A beleza daquilo constrange você a adorá-lo, a ter sua imaginação capturada por aquilo. Isso acontece comigo em relação a Mozart. No meu tempo de faculdade, ouvi Mozart a fim de tirar nota A em música. Eu tinha que ter boas notas para conseguir um bom emprego. Assim, em outras palavras, ouvi Mozart para ganhar dinheiro. Hoje, porém, estou perfeitamente disposto a gastar dinheiro somente para ter o privilégio de ouvir Mozart, não mais por Mozart ter alguma utilidade para mim, mas pela beleza que sua música traz em si mesma. Para mim, ele deixou de ser um meio para determinado fim.

E, quando é uma pessoa que você aprecia dessa forma, você quer servi-la incondicionalmente. Quando você diz, “servirei enquanto estiver tirando algum proveito disso”, você não está de fato servindo alguém, mas sim servindo a si mesmo por meio de alguém. Isso não é o mesmo que envolver alguém, que ter sua vida girando em torno dessa pessoa; é usá-la e fazer com que ela gire em torno de você.

É evidente que existem muitos de nós que *parecem* ser abnegados e cumpridores de seus deveres pelo simples fato de não conseguirmos dizer não: dizemos sim para tudo, e as pessoas estão sempre nos usando. Todos dizem: “Ó, você é tão altruísta, se doa tanto; precisa pensar mais em si mesmo”. Mas pense um pouco naqueles dentre nós que não conseguem impor



limites e permitem que as pessoas passem por cima deles, os usem, mas simplesmente não conseguem dizer não — você pensa de fato que agimos assim por amor aos outros? É claro que não, agimos assim por *necessidade* — dizemos sim para tudo por medo e covardia. Isso está bem longe de glorificar os outros. Glorificar os outros significa servi-los incondicionalmente, e não por estarmos tirando disso alguma vantagem, mas simplesmente por causa do amor e do apreço que sentimos por aquilo que eles realmente são.

O Pai, o Filho e o Espírito estão centrados uns nos outros, adorando e servindo uns aos outros. E por eles glorificarem uns aos outros em amor, Deus é profunda e infinitamente feliz. Pense sobre isto: Se você encontra alguém que você adora, alguém por quem faria qualquer coisa, e descobre que essa pessoa sente o mesmo por você, isso não lhe traz felicidade? É algo sublime! É isso que Deus vem desfrutando por toda eternidade. O Pai, o Filho e o Espírito derramam amor, júbilo e adoração pelos outros, cada qual servindo o outro. Eles procuram infinitamente a glória uns dos outros, e assim Deus é infinitamente feliz. E, se é verdade que este mundo foi criado por esse Deus triúno, então a suprema realidade é uma dança.

“O que importa isso?”, pergunta C. S. Lewis. “Importa mais do que tudo no mundo. Toda essa dança, ou drama, ou padrão dessa vida tripessoal, deve estar representada em cada um de nós [...] [Júbilo, poder, paz, vida eterna] são uma grande fonte de energia que jorra no própria âmago da realidade”.<sup>3</sup> Por que será que Lewis opta por permanecer nessa imagem de uma dança? Uma vida centrada em si mesma é parada, estática; não é dinâmica. Uma pessoa centrada em si mesma quer ser o centro em volta do qual tudo mais gira. Pode até ser que ela ajude

pessoas; tenha amigos; se apaixone por alguém, desde que isso não comprometa seus interesses pessoais ou aquilo que satisfaz suas necessidades. Pode até ser que ela faça doações aos pobres — desde que isso a faça sentir bem em relação a si mesma e não atrapalhe muito seu estilo de vida. A atitude de ser alguém centrado em si mesmo faz de todo o resto um meio para um fim. E esse fim, esse fim inegociável, é tudo aquilo que ela quer e que ela gosta, colocando os interesses dela acima dos interesses dos outros. Pode até ser que essa pessoa se divirta com os outros, converse com os outros, mas no final tudo gira em torno dela.

Todavia, o que acontece se todos disserem: “Não, você gira em torno de mim”? Imagine cinco, dez ou cem pessoas em cima de um palco, cada uma delas querendo ser o centro. Elas apenas permanecerão lá, dizendo umas às outras: “Gire em torno de mim”. E ninguém chegará a lugar nenhum; a dança se tornará arriscada, se não impossível.

A Trindade é completamente diferente disso. Em vez de termos pessoas centradas em si mesmas, o Pai, o Filho e o Espírito caracterizam-se em sua essência por um *amor que se doa pelo outro*. Nenhuma pessoa da Trindade insiste para que as demais girem em torno dela. Antes, de forma voluntária, cada uma delas envolve e gira em torno das demais.

## ENTRANDO NA DANÇA

Se essa é a realidade suprema, se é assim que o Deus que criou o universo é, então essa verdade está repleta de implicações gloriosas para nós, implicações que darão forma à nossa vida. Se



*este mundo foi criado por um Deus triúno, relacionamentos de amor são a essência da vida.*

Veja bem, diferentes visões de Deus trazem implicações diferentes. Se Deus não existe — se estamos aqui por mero acaso, estritamente em consequência da seleção natural — então, o que eu e você chamamos de amor não passa de uma reação química do cérebro. Os biólogos evolucionistas dizem que não há em nós nada que não esteja lá por ter ajudado nossos ancestrais a passar adiante com maior êxito nosso código genético. Se você sente amor, isso se dá apenas pelo fato de essa combinação de fatores químicos capacitar a sua sobrevivência e levar as partes do seu corpo para os locais em que elas precisam estar para transmitir seu código genético. Isso é tudo que o amor é: pura química. Por outro lado, se Deus existe, mas é unipessoal, houve um tempo em que Deus não era amor. Antes que Deus criasse o mundo, quando havia apenas uma pessoa divina, não havia a quem amar, pois o amor só pode existir em um relacionamento. Se um Deus unipessoal tivesse criado o mundo e os que nele habitam, tal Deus em essência não seria amor. Seria poder e grandeza, possivelmente, mas não amor. No entanto, se por toda eternidade, sem que tenha havido início ou fim, a realidade suprema é uma comunhão de pessoas que conhecem e amam umas às outras, então a realidade suprema tem a ver com relacionamentos de amor.

Por que um Deus triúno criaria o mundo? Se ele fosse um Deus unipessoal, você poderia dizer: “Bem, ele criou o mundo para que tivesse seres que o amassem e o adorassem, que lhe trouxessem alegria.” Mas o Deus triúno já tinha tudo isso — e em si mesmo ele recebia amor de uma forma muito mais pura e poderosa do que os seres humanos poderiam lhe dar. Então, por



que ele iria nos criar? Há somente uma resposta. Ele deve ter-nos criado não para *receber* alegria, mas para *dar*. Ele deve ter-nos criado para nos convidar a entrar na dança, para dizer: Se você me glorificar, se centralizar sua vida em torno de mim, se apreciar minha beleza por aquilo que sou em mim mesmo, então você entrará na dança, que é o motivo pelo qual você foi criado. Você foi criado não apenas para crer em mim ou para ser espiritual em um sentido geral, não só para orar e encontrar um pouco de inspiração para os momentos difíceis. Você foi criado para centralizar tudo em sua vida em torno de mim, para pensar tudo em termos de seu relacionamento comigo. Para me servir incondicionalmente. É nisso que você encontrará sua felicidade. É disso que trata a dança.

Você está na dança ou somente crê que Deus existe em algum lugar? Você está na dança ou somente ora a Deus sempre que está em dificuldades? Você está na dança ou está apenas olhando em volta à procura de alguém que gire em torno de você? Se a vida é uma dança divina, então, acima de tudo, você precisa entrar nela. Foi para isso que você foi criado. Você é feito *para entrar na dança divina com a Trindade*.

## DANÇANDO PARA A BATALHA

Imediatamente após seu batismo, Jesus se encontra no deserto. Marcos escreve:



*Imediatamente, o Espírito o levou para o deserto. E esteve no deserto quarenta dias, sendo tentado por Satanás. Estava com as*



Nessas duas linhas, Marcos nos mostra que, muito embora a realidade suprema seja uma dança, vamos experimentar a realidade como uma batalha.

Marcos entrelaça seu relato na história compartilhada por seus leitores ao tecer paralelos entre as Escrituras hebraicas e a vida de Jesus. Em Gênesis: O Espírito paira sobre a face das águas, Deus fala e o mundo é criado, a humanidade é criada, a história iniciada. E qual é a próxima coisa que acontece? Satanás tenta os primeiros seres humanos, Adão e Eva, no jardim do Éden.

Agora aqui em Marcos temos: o Espírito, a água, Deus falando, uma nova humanidade, a história sendo alterada — do mesmo modo como aconteceu no passado —, com Satanás tentando Jesus no deserto. A escolha de palavras por parte de Marcos é intencional; ele diz que Jesus estava “com as feras”. Na época em que Marcos escreveu seu Evangelho, os cristãos eram lançados às feras. De forma nada surpreendente, muitos dos que sobreviviam eram tentados a duvidar de suas convicções, a diminuir seu compromisso com Deus. Mas aqui eles veem Jesus, como Adão, vivendo um relacionamento espetacular com Deus e, então, tendo que lutar com uma ameaça.

Veja bem, o deserto não é apenas um desvio fortuito para os problemas — ele é um *campo de batalha*. A tentação não é impessoal — existe um inimigo concreto incitando à tentação. Marcos trata Satanás como uma realidade, não como um mito. Isso certamente é chocante para as culturas contemporâneas que são céticas quanto à existência do sobrenatural, quem dirá do



demônio. Para nós, Satanás é uma personificação do mal que é um resquício de uma sociedade pré-científica, guiada pela superstição. Hoje ele não passa de um símbolo, uma maneira irônica de se desviar da responsabilidade pessoal pelo mal. Todavia, se você acredita em Deus, em um ser sobrenatural, pessoal e bom, é algo perfeitamente razoável acreditar na existência de seres sobrenaturais, pessoais e maus. A Bíblia diz que no mundo existem forças do mal bem reais, e essas forças são tremendamente complexas e inteligentes. Satanás, a principal dessas forças, está nos tentando a sair da dança. Isso é o que vemos acontecer com Adão, no jardim do Éden, e com Jesus, no deserto.

No jardim do Éden, foi dito a Adão: “Obedeça o que digo sobre a árvore: não comerás da árvore do conhecimento do bem e do mal; porque no dia em que dela comeres, com certeza morrerás”. Por que isso foi uma tentação? Como disse antes, Deus nos criou para girarmos em torno dele, para centralizarmos nele nossa vida. Quando Deus diz “Não comas ou morrerás”, qual é a nossa primeira reação? “Por quê?” Isso é algo que Deus não responde; se você obedecer por entender o que Deus está fazendo e como iria beneficiar você, então você na verdade ficaria estático. Você estaria dizendo: “Certo, faz sentido. Eu entendo por que devo obedecer e não devo comer daquela árvore; sim, é evidente.” Deus seria um meio para um fim, e não um fim em si mesmo.

Deus estava dizendo: “Porque você me ama, não coma daquela árvore — somente pelo fato de que lhe digo para agir assim. Esteja somente em relacionamento comigo. Obedeça-me a respeito da árvore e viverá.” Mas Adão não fez isso. Ele e Eva não passaram no teste; e toda a raça humana tem fracassado



nesse mesmo teste desde então. Satanás nunca para de nos testar. Ele diz: “Essa ideia de amor abnegado, que se doa aos outros, no qual você se torna totalmente vulnerável e gira em torno dos outros — isso nunca vai funcionar.”

Na realidade, a mesma coisa acontece a Jesus no deserto. Embora Marcos não nos diga qual foi a tentação de Jesus, o Evangelho de Mateus nos conta. Seu relato (em Mateus 4.1-11) basicamente diz que Satanás tenta Jesus a sair da órbita que gira em torno do Pai, do Espírito e de nós. Tenta-o a se proteger, e a fazer com que todo mundo se centralizasse nele. E essa tentação evidentemente não termina com o deserto: por todo o restante de sua vida Jesus é atacado por Satanás, e esse ataque alcança um clímax em outro jardim, no Getsêmani, o oposto supremo do jardim do Éden.

Nós olhamos para Adão e Eva e dizemos: “Que tolos — por que deram ouvidos a Satanás?” Contudo, sabemos que ainda temos a mentira de Satanás em nosso coração, pois temos medo de confiar em Deus — de confiar em qualquer um, na verdade. Ficamos paralisados, pois é assim que Satanás nos diz para ficarmos — é desse modo que ele luta na batalha.

Contudo, Deus não nos deixa indefesos. Ele disse a Jesus: “Obedeça-me a respeito da árvore” — só que dessa vez a árvore era uma cruz — “e você morrerá”. E Jesus obedeceu. Ele entrou à sua frente no coração da verdadeira batalha, a fim de trazer você para dentro da realidade suprema da dança. Aquilo que ele tem desfrutado por toda eternidade ele vem oferecer a você. E às vezes, quando você se encontra na parte mais feroz da batalha, quando está tentado, ferido e fraco, você ouve nas profundezas do seu ser as mesmas palavras que Jesus ouviu: “*Tu és o meu Filho amado; em ti me agrado*”.

<sup>1</sup> C. S. LEWIS, *Mere Christianity*. Nova York: Macmillan, 1977, p. 151.

<sup>2</sup> Cornelius PLANTINGA, *Engaging God's Word: a Christian vision of faith, learning and living*. Grand Rapids: Eerdmans, 2002, p. 20-23.

<sup>3</sup> LEWIS, p. 151.